

*SCIENTIA ANTIQUITATIS*



*SALVAGUARDA ARQUEOLÓGICA*  
ARCHAEOLOGICAL SAFEGUARD

Título: SCIENTIA ANTIQUITATIS

Editores: Leonor Rocha/ Gertrudes Branco/ Ivo Santos

Local de Edição: Évora (Portugal)

Data de Edição: Junho de 2019

Volume: 1/ 2019

Capa: Trabalhos de salvaguarda no Palácio do Vimioso

(Foto: Leonor Rocha)

Director: Leonor Rocha

ISSN: 2184-1160

Contactos e envio de originais: Leonor Rocha/ Irocha@uevora.pt

Revista digital.

Ficheiro preparado para impressão frente e verso.

## INDÍCE

O IV <sup>o</sup> CIAT e o estado da Salvaguarda Arqueológica em Portugal Leonor Rocha e Gertrudes Branco .....	5
Arqueologia Pública e a gestão do património arqueológico no contexto da construção de uma barragem: O caso da construção da barragem de Belo Monte (Brasil) Maria Clara Costa .....	25
Melhor conhecer é melhor proteger. Os contributos do projeto ARQUEOSIA Filipa Neto e Catarina Costeira .....	57
Estratégias para a gestão da salvaguarda arqueológica: as cartas de risco do património arqueológico dos Açores José Luís Neto, Carlos Luís Cruz e Pedro Parreira .....	77
O Risco das Políticas de Risco em Património Cultural - Proposta STORM para uma nova abordagem Filipa Neto, Sofia Pereira, Isabel Inácio, João Almeida Filipe .....	95
Gestão e salvaguarda do património arqueológico: o caso da Universidade de Évora (Portugal) Leonor Rocha, Jorge de Oliveira, André Carneiro e Carmen Balesteros	113
Ecclesia Sanctae Marinae de Cortegaza (Cortegaça, Ovar). Um contributo na Arqueologia de Salvaguarda Gabriel Pereira, Gustavo Santos e Mauro Correia .....	153
E quando as fábricas fecham? Reflexões sobre a salvaguarda do património arqueológico-industrial na cidade de Portalegre Susana Pacheco .....	183
A geofísica e salvaguarda do património arqueológico em meio rural. Vantagens e quando utilizar: o caso dos recintos de fossos António Valera e Tiago do Pereiro .....	203
A salvaguarda arqueológica: teoria e prática na Região Centro Gertrudes Branco .....	217
Salvaguarda arqueológica em Monforte: Percurso e estratégias de intervenção (Monforte, Portalegre, Portugal) Paula Morgado .....	251

Oliveira de Azeméis: Gestão de uma Carta de Salvaguardas Patrimoniais e de um projeto de investigação sobre a ocupação do território (POVOAZ) Adrian de Maan e João Tiago Tavares .....	295
A gestão de espólios arqueológicos no Algarve. Reflexão sobre o seu propósito na actividade arqueológica de salvaguarda Grupo de Arqueologia da Rede de Museus do Algarve .....	321
A Antropologia Biológica nos Açores: gestão e estudo das suas coleções osteológicas José Luís Neto, Joana Camacho e Pedro Parreira .....	331
Mosteiro de São Bento de Avis: da intervenção preventiva ao programa de estudo e valorização de fracção monástica Ana Cristina Ribeiro .....	355
Acompanhamento: o <i>Cadavre Exquis</i> da prática arqueológica (portuguesa) Gabriel Pereira, Mauro Correia e Gustavo Santos .....	385
Resultados preliminares do acompanhamento arqueológico da obra de conservação da Capela de Nossa Senhora de Entre Águas Ana Cristina Ribeiro .....	415
Minimizando impactos. Tavira Verde 2012/2014 Jaquelina Covaneiro e Sandra Cavaco .....	447
Estratégias de recuperação e salvaguarda do património histórico-arqueológico de Vouzela (Viseu, Portugal) após os incêndios florestais de outubro de 2017 Manuel Luís Real, António Faustino Carvalho, Catarina Tente, Daniel de Melo Branco, Luís André Pereira, Pedro Sobral de Carvalho e Tiago Ramos .....	461
Balanço dos Incêndios de 2017: Região de Lisboa e Vale do Tejo Filipa Bragança, Gertrudes Zambujo e Sandra Lourenço .....	477
La combinación de la investigación con la protección del patrimonio arqueológico rural en la provincia de Salamanca: el caso de Los Villares (Fresno Alhándiga, Salamanca) M <sup>a</sup> de los Reyes de Soto García e Verónica Pérez de Dios .....	491

# **Resultados preliminares do acompanhamento arqueológico da obra de conservação da Capela de Nossa Senhora de Entre Águas**

Ana Cristina Ribeiro<sup>1</sup>

## **Resumo**

A Capela de Nossa Senhora de Entre Águas corresponde a imóvel datado do século XV, de elevado valor patrimonial histórico-arqueológico, que evidencia na sua construção um conjunto significativo de materiais romanos, entre os quais uma lápide funerária classificada como Monumento Nacional, testemunhos da preexistência no local de uma ocupação romana, confirmada pelos vestígios arqueológicos na zona contígua ao edifício. Trabalhos recentes permitiram confirmar a presença de estruturas romanas integradas no imóvel, identificar uma zona de enterramentos contígua à capela e descobrir um importante conjunto de pintura mural, datada do século XVI. Apresentam-se os resultados preliminares do acompanhamento arqueológico realizado entre Outubro e Novembro de 2018, assim como o respectivo enquadramento dos trabalhos e as perspectivas de continuidade do estudo desta estrutura.

**Palavra-Chave:** Arqueologia preventiva; Vestígios romanos; Arquitectura religiosa; Necrópole; Pintura Mural

## **Abstract**

The Chapel of Nossa Senhora de Entre Águas corresponds to a 15th century building with a high archaeological and historical value. The chapel shows in the structure a significant number of roman materials in granite, among which a tombstone classified as National Monument, that documenting a roman occupation at the site, confirmed by archaeological remains in the area adjacent to the building. Recent

---

<sup>1</sup> ana.ribeiro@cm-avis.pt. Centro de Arqueologia de Avis

archaeological work made it possible confirm the presence of roman structures integrated into the building, identify burials in a contiguous area to the chapel and discover an important set of mural paintings from 16th century, located in the interior of the temple. Preliminary results of the archaeological work, carried out between October and November 2018, are now presented, as well as the archaeological intervention framework and the prospects for continued study of this structure.

**Keywords:** Preventive archaeology; Roman remains; Religious architecture; Necropolis; Mural Paintings

### **A Capela de Nossa Senhora de Entre Águas: enquadramento histórico e arqueológico**

A Capela de Nossa Senhora de Entre Águas (CNS 29724) localiza-se próximo de Benavila, concelho de Avis. Situada entre as ribeiras de Seda e Sarrazola, corresponde a um edifício datado do século XV, que evidencia, na sua construção, um conjunto significativo de materiais romanos em granito, visíveis nas paredes e nos pavimentos, os quais documentam a preexistência no local de uma ocupação de período romano.

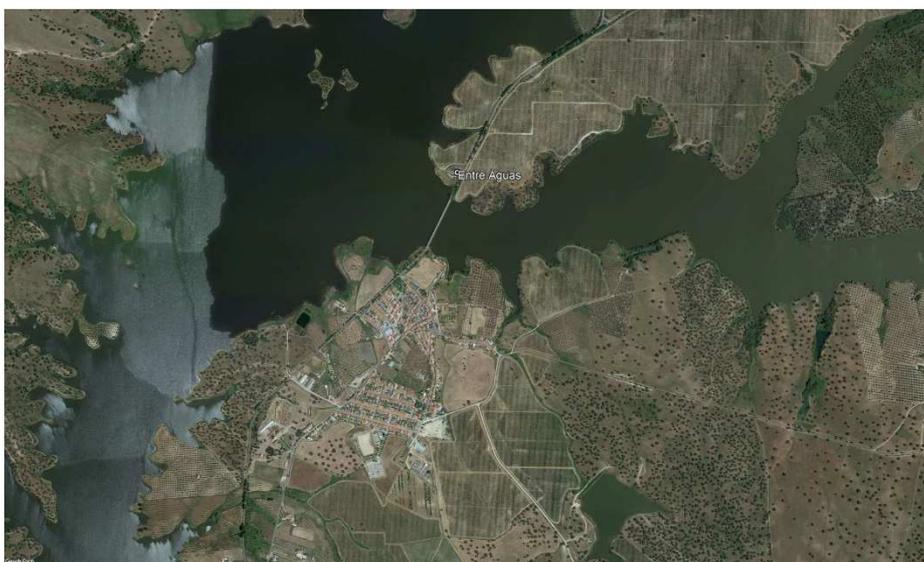


Figura 1 – Localização da Capela de Nossa Senhora de Entre Águas (Google Earth, 2013)

A antiguidade dessa ocupação, indiciada nas fontes (Santa Maria, 1718, p. 136-137; Cardoso, 1751, p. 161), foi confirmada pelos vestígios arqueológicos identificados na zona contígua ao edifício no decurso da Carta Arqueológica de Avis (Ribeiro, 2008, p. 8-9). A tipologia das evidências registadas e a sua área de dispersão sugerem que o sítio, Entre Águas 1 (CNS 29676), corresponde a uma *villa* romana (*idem*, 2015, p. 12).

No local, recentemente afectado pelo plantio de olival intensivo, encontrava-se um conjunto significativo de vestígios reveladores da vitalidade económica da *villa* e da adopção do gosto e valores da cultura clássica (*idem*, 2015, p. 20-23).



Figura 2 e 3 – Afectação do sítio de Entre Águas 1 por plantação de olival intensivo

As evidências arqueológicas apontam para uma estrutura social e cultural organizada desde os primeiros momentos de romanização, ideia reforçada pela presença de uma epígrafe que se encontra no local. Classificada como Monumento Nacional em 1910, a lápide de Entre Águas (CNS 1629) encontra-se embutida no alçado tardoz da capela. A placa (Vasconcelos, 1895, p. 224; IRCP, n.º 459), de cariz funerário, foi elaborada sobre um suporte de granito de grão fino e apresenta uma forma rectangular. Pela sua tipologia destinava-se a ser incluída numa estrutura ou edifício de cariz religioso ou funerário e caracteriza-se pela simplicidade de execução.



Figura 4 – Lápide de Entre Águas

O texto ocupa a metade inferior do campo epigráfico sugerindo que este monumento se destinava a ser colocado no alto.

Na transcrição da epígrafe é possível ler-se: “*Lobesa, filha de Lovésio, de cinquenta anos, está aqui sepultada. Que a terra te seja leve*”.

Pela tipologia da epígrafe e perante a ausência de consagração aos Deuses Manes, é possível integrar o monumento no século I d.C. (IRCP, n.º 459). A utilização de fórmulas finais mais elaboradas sugere que este monumento foi gravado já na segunda metade do século I. d. C. (*idem*).

Este exemplar epigráfico documenta a manutenção de uma forte componente indígena associada aos primeiros momentos da romanização deste território.

A distribuição dos vestígios de período romano, na confluência das ribeiras, deixa antever a importância da água na selecção do local de implantação, a qual desempenharia um papel determinante na vivência da *villa*, assegurando a sua estrutura económica e o quotidiano dos seus habitantes.

Pelas características do local, será admissível pensar-se também num espaço romano ou tardo-romano dedicado ao culto das águas ou de divindades que lhe estavam afectas, o qual foi posteriormente

cristianizado com a construção da capela, hipótese que carece, no entanto, de confirmação arqueológica.

A capela corresponde a uma construção datada do século XV (Keil, 1943, p. 24), com claras alterações nos séculos posteriores, evidentes ao nível da morfologia e do acervo artístico.

Trata-se de um edifício simples, envolvido por um alpendre, que se distribui pelas fachadas principal e sul. A documentação mais antiga indicia que esta estrutura seria mais extensa e envolveria toda a capela: *“Tem hũ alpendre q~ as toma ambas [as naves] e a porta principal ho qual cinge toda ha egreja saluante as costas da capella (...)”* (Lopes, 1950, p. 247).

O alpendre é constituído por arcos de volta perfeita, assentes sobre pilares quadrangulares de granito, provavelmente reutilizações de construções romanas.



Figura 5 – Vista geral da capela

No alçado norte encontram-se adossadas três construções, de planta simples e em banda, de carácter habitacional. O mesmo se verifica em parte do alçado sul, ocupado por anexos, correspondentes a dois compartimentos, também de uso habitacional. Na continuação desta zona, já no alpendre, são visíveis, sob a cal, silhares de granito na parede da capela.



Figura 6 – Pormenor do alpendre

No alçado tardoz encontra-se, para além do monumento epigráfico romano, um compartimento arruinado, onde são visíveis materiais de período romano incorporados na sua construção.



Figura 7 – Alçado tardoz

Na fachada principal encontram-se duas inscrições, em esgrafito de argamassa avermelhada, uma ilegível e outra que assinala as obras realizadas no século XVII: *“Esta obra man/dou · fazer o R do / Pe · Joam · Fortio · a / custa · da S R<sup>a</sup> · he / e devotos · no anno de 1696”*.

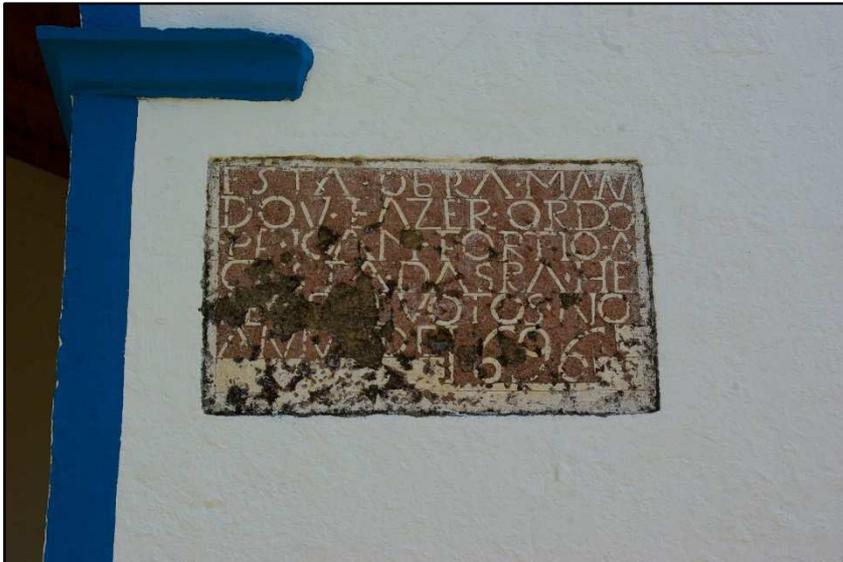


Figura 8 – Inscrição em esgrafito

Junto à porta principal da capela uma placa em mármore refere a intervenção realizada no século XX: *“No ano de 1963 / foi esta igreja / restaurada no pavimento / telhados e altares / por generosa oferta / de um filho desta terra / António Prates Pina”*.

No interior, a capela apresenta três naves, divididas, de cada lado, por três arcos e um outro mais pequeno *“com os chanfrados característicos da traça primitiva do século XV”* (Keil, 1943, p. 24). As descrições mais antigas, associadas ao Tombo de 1556, referem que o edifício teria duas naves (Lopes, 1950, p. 247).

A capela-mor está separada do corpo da igreja por um arco triunfal, de alvenaria e com marmoreados fingidos, cuja soleira, em blocos de granito, possivelmente utilizados, apresenta pequenas depressões circulares, que sugerem a presença de um gradeamento nesta zona. O altar-mor, assim como os altares laterais, são de alvenaria pintada de marmoreados fingidos e dourados. Estes elementos foram introduzidos no final do século XVIII (IPA.00004563).



Figura 9 - Aspecto geral do interior da capela

A capela apresenta uma porta lateral, no alçado sul, e em frente, evidências de uma outra porta onde se colocou posteriormente um altar com a imagem de São Pedro em madeira, datada do século XVII (Rodrigues, 1993, p.40). Neste local ficaria, segundo as referências documentais, o altar de São Bento (Lopes, 1950, p. 247).

Salienta-se ainda a pia de água benta, peça em mármore, possivelmente do século XV, que se encontra encastrada na primeira coluna, à direita da entrada principal. Apresenta dupla representação antropomórfica que teria repetição na face oposta, actualmente adossada à coluna. Num dos lados é visível a representação do escudo com cinco quinas, em disposição anterior a D. João II (Vasconcelos, 1917, p. 120), e ladeado por dois castelos. A pia encontra-se apoiada sobre uma coluna de cronologia mais recente e sem interesse.



Figura 10 e 11 – Pormenores da pia

Junto à porta lateral, do lado direito, existiria uma outra pia de água benta, também em mármore, de forma hexagonal, datada do século XVI (Keil, 1943, p. 24; Rodrigues, 1993, p. 40-41), cujo paradeiro actual se desconhece. Persiste no local a base em granito, encastrada na parede, e que poderá corresponder a mais um exemplo da reutilização de materiais romanos, possivelmente um elemento de coluna em granito. No interior do edifício persiste outro fragmento da mesma natureza.

No corpo da capela existem cinco sepulturas de campa rasa com tampa em mármore e inscrição (Teles, 1940, p. 32-36; Keil, 1943, p. 24). Nenhuma apresenta data inscrita.

A fundação da capela não é conhecida, mas já em 1556 era descrita como a única igreja da vila de Benavila, de evocação a N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> de Entre Águas (Lopes, 1950, p. 246). A igreja matriz era, “antigamente”, fora da vila “em huma igreja que está proxima a mesma, que tem o titulo da Senhora de Entre as Agoas (...) pella razão de estar colocada, entre duas ribeyras não menos caudeloza huma, que outra chamadas huma a da Sarrazolla, e outra a de Seda” (ANTT, 1758, p. 724).

Deixou de ser igreja matriz “por causa das innundações das duas ribeiras acima ditas [Ribeiras de Seda e Sarrazola], que succede muitas vezes cobrirem as aguas as duas pontes, que há em huma, e outra ribeira” (Cardoso, 1751, p. 161).



Figura 12 – Ponte sobre a ribeira de Sarrazola (albufeira de Maranhão)

A capela corresponde a “*templo grãde, & muyto antigo*” (Santa Maria, 1718, p. 136) onde “*nas costas da igreja se vê metida na parede huma pedra, ou cipò romano, com humas letras (...) (idem, p. 137),* indicador de “*(...) que neste lugar houvesse povoação com este Templo já pelos anos de Christo de trezentos e setenta*” (CARDOSO, 1751, p. 161).

O Tombo de 1556 refere que a “*egreja era toda de cantaria (...)*” (Lopes, 1950, p. 247) e possuía dois altares laterais, consagrados a Santiago, do lado do Evangelho, e a Santa Ana, do Lado da Epístola, ambos pintados a fresco (*idem, 1950, p. 247*). As paredes seriam igualmente pintadas e existiria ainda um altar de São Bento (*idem, 1950, p. 247*).

A capela tinha uma confraria (*idem, 1950, p. 248; ANTT, 1758, p. 724*) e em 1740 (Leal e Ferreira, 1873, p. 25) foi constituído, por D. João V, “*um hospital em que se tratavam os pobres (...), com privilégio da Misericórdia*” (Esteves e Pereira, 1904, p. 296). Existem também referências à casa do ermitão (Lopes, 1950, p. 247).

## **Enquadramento da intervenção arqueológica**

Em 2018 o Município de Avis, em parceria com a Fábrica da Igreja Paroquial da Freguesia de Benavila, proprietária do imóvel, desenvolvem um projecto de conservação da capela. Os trabalhos, destinados sobretudo à substituição da cobertura, previam igualmente a recuperação dos anexos, a colocação de instalação sanitária e das respectivas infraestruturas de água e saneamento, a substituição das infraestruturas de electricidade, a recuperação de vãos e a pintura integral do imóvel.

Tratando-se de um edifício de elevado valor patrimonial, enquadrado na Zona Especial de Protecção da Lápide de Entre Águas, teria sido desejável uma apreciação prévia do projecto, assim como a realização antecipada de trabalhos arqueológicos que avaliassem o potencial das áreas a intervencionar e determinassem eventuais condicionantes à execução da obra.

Desta forma teria sido possível delimitar zonas sensíveis e antecipar a minimização de impactos, definir áreas de intervenção, incorporar vestígios e valorizar elementos.

Porém, a intervenção arqueológica foi delegada para a fase final da empreitada, ficando reduzida ao acompanhamento dos trabalhos executados no exterior do edifício, correspondentes à abertura das valas para instalação de infraestruturas eléctricas e à construção da fossa séptica.

Considerando que a maioria dos trabalhos contemplados na obra já se encontravam concluídos ou em fase de conclusão, não foi possível acompanhar, no âmbito da intervenção arqueológica, as acções de demolição, assim como a limpeza e colocação de rebocos, realizadas no edifício da capela e anexos.

Teria sido igualmente relevante acompanhar a substituição da cobertura, uma vez que permitiria verificar, no topo das paredes, o tipo

de aparelho, em particular no alçado sul e fachada principal, onde era evidente a presença de materiais romanos nas paredes da capela.

Não houve também oportunidade de realizar sondagens parietais prévias para verificação do tipo de aparelho e da existência de pinturas murais, referidas na documentação (Lopes, 1950, p. 247), esgrafitos ou outros elementos a preservar. Assim, não foi possível limitar acções intrusivas, como a aplicação de rebocos e a colocação de tirantes, realizadas sem condicionantes.

Os trabalhos arqueológicos tiveram início no final de Outubro de 2018, prolongando-se até ao final de Novembro do mesmo ano. A intervenção foi realizada pela equipa do Centro de Arqueologia de Avis e contou com a colaboração de Paula Freire, Técnica de Conservação e Restauro do Museu do Campo Alentejano, e de Hugo Cortes, da Divisão de Desenvolvimento Sócio-Cultural e Turismo do Município de Avis que apoiaram alguns dos trabalhos de definição e diagnóstico da pintura mural.

Os trabalhos arqueológicos tiveram ainda apoio logístico da empresa responsável pela empreitada, Argilândia - Construções, Unipessoal, Lda, e foram acompanhados, de forma assídua e entusiasta, pelo representante da Fábrica da Igreja Paroquial da Freguesia de Benavila, o Pe. Domingos Miguel da Fonseca Coelho.

O enquadramento do edifício, a tipologia da intervenção e a natureza dos achados efectuados justificaram a visita da Direcção Regional de Cultura do Alentejo ao local.

### **Resultados obtidos**

O acompanhamento arqueológico da obra de conservação da Capela de Nossa Senhora de Entre Águas permitiu a recolha de novos elementos que contribuem para a caracterização do imóvel e abrem as perspectivas para uma fase subsequente de estudo do edifício e respectiva envolvente.

Apresentam-se, em seguida, os resultados preliminares da intervenção.

### ***Necrópole***

O acompanhamento arqueológico teve início no patamar junto aos anexos da parede sul e incidiu na abertura da vala para implantação da fossa séptica, que teria, de acordo com o projecto, cerca 200 x 100 cm e uma profundidade de 140cm.

A remoção de terras nesta área colocou a descoberto uma estratigrafia constituída por uma camada superficial, de terra escura, sem interesse arqueológico, que se sobrepunha a um estrato espesso, correspondente ao aterro que define o patamar que se encontra nesta zona.

O aterro é constituído por um estrato heterogéneo, de terras castanhas, com um elevado número de inclusões, nomeadamente cerâmica de cobertura e de revestimento, proveniente das obras realizadas na capela no século XX.

A este estrato encontra-se associado espólio osteológico descontextualizado e que documenta a destruição de enterramentos nos trabalhos efectuados em 1963. Registou-se a ocorrência significativa de ossos de crianças no material recuperado nesse nível, assim como uma laje em xisto gravada.



Figura 13 – Laje em xisto gravada

A presença de elementos pétreos, de grande dimensão, em xisto, inviabilizou os trabalhos de remoção de terra em profundidade, optando-se, em alternativa, pelo alargamento da fossa da área aberta que, no final apresentava uma dimensão aproximada de 310 x 200 cm.

Com o alargamento confirmou-se que os elementos pétreos se encontravam alinhados e que o afloramento rochoso calcário era já evidente em algumas zonas da vala.

Suspensos os trabalhos de remoção de terras, procedeu-se à limpeza e avaliação da área intervencionada, o que permitiu identificar, a cerca de 80/90 cm de profundidade, a presença de elementos de interesse arqueológico conservados sob o aterro, correspondentes a três estruturas funerárias:

- Sepultura 1 – corresponde a uma estrutura coberta por blocos de xisto, localizada na extremidade Norte da vala e apresenta uma orientação W-E, com uma ligeira declinação (OSO-ENE). Encontra-se a uma cota mais elevada que a restante área posta a descoberto.
- Sepultura 2 – corresponde a parte de uma sepultura que se prolonga no corte Oeste. O enterramento encontrava-se visível e apresentava-se parcialmente danificado, provavelmente na altura em que foi construído o aterro. No corte parece existir evidências de um outro enterramento, que poderia associado à mesma sepultura e que se encontra incompleto. A orientação é idêntica à verificada na sepultura 1.
- Sepultura 3 – corresponde a parte estrutura negativa junto ao perfil E. Não apresenta evidências de cobertura, nem de espólio osteológico, sendo apenas visível o contorno da fossa de inumação escavada na rocha, correspondente à zona da cabeceira. Tal como as restantes sepulturas, apresenta uma orientação idêntica.



Figura 14 – Aspecto geral da área intervencionada

Foi ainda registada uma mancha de ossos, a sul da sepultura 2, que poderá corresponder a outro enterramento.

Considerando a tipologia dos achados e a condições da sua descoberta, optou-se apenas pelo registo e conservação integral das realidades identificadas. Os vestígios foram sinalizados e a vala colmatada.

A construção da fossa séptica nesta zona foi totalmente inviabilizada, tendo sido sugerida a sua deslocação para o exterior do patamar, criando-se uma caixa de superfície, com a cota necessária e sem necessidade de recorrer a acções de remoção de terras.

A segunda área intervencionada localizava-se junto à fachada principal da capela e correspondia à vala para instalação de infraestruturas de electricidade, com cerca de 1200 cm de extensão e 80 cm de profundidade. Perante a possibilidade de se identificarem novos vestígios da necrópole sugeriu-se que a vala fosse aberta nos níveis de aterro, mesmo que isso implicasse uma profundidade mais reduzida, evitando-se a afectação de eventuais níveis arqueológicos.

Também aqui se confirmou a existência de um aterro, constituído por material de construção e incluindo igualmente espólio osteológico descontextualizado, evidente sobretudo na zona próxima da capela. A profundidade da vala foi limitada aos 40-50cm.

Ainda relacionadas com o espaço funerário assinalam-se as duas cabeceiras de sepultura que se encontravam depositadas na sacristia.

Tratam-se de duas peças em mármore que apresentam motivos frequentes em estelas funerárias de período medieval.

Um dos exemplares corresponde a um fragmento de cabeceira de sepultura discóide, que evidencia uma face gravada com motivo geométrico em alto-relevo, correspondente a um pentalfa inserido em moldura simples, também em alto-relevo. No centro parece conter vestígios de outra figura, cujo motivo é, no entanto, imperceptível. A face posterior apresenta-se afeiçãoada.



Figura 15 e 16 – Cabeceiras de sepultura

O outro exemplar corresponde também a uma cabeceira de sepultura discóide, com espigão triangular. A separação entre o disco e o espigão está bem marcada. Apenas uma das faces se encontra gravada, com a representação de um hexafólio em baixo relevo, organizado em torno de um ponto central e delimitado por cercadura. A face posterior e o espigão apresentam as superfícies irregulares.

Próximo da capela foi ainda registada uma estrutura negativa escavada no afloramento rochoso, de cronologia e função ainda por determinar. Apresenta planta rectangular, com 110 x 95 cm, localizada na margem direita da Ribeira de Sarrazola, numa zona afastada do local onde ocorrem os vestígios da *villa*.



Figura 17 – Estrutura escavada na rocha

### ***Vestígios de estruturas de período romano***

A presença de materiais de período romano integrados na capela de Entre Águas era já evidente. No alçado tardoz e no alpendre, em particular na fachada sul da capela, persistiam grandes blocos de granito aparelhado, que contrastam com a simplicidade do tipo de construção da capela. Estes materiais eram também evidentes no pavimento, soleira, escadas e em alguns elementos dispersos, indiciando a reutilização de materiais romanos.



Figura 18 e 19 – Escadaria de acesso à torre

Com o acompanhamento da obra foi possível confirmar a presença *in situ* de uma parede de período romano, que ocupa a quase totalidade do alçado sul da capela, sendo ainda pouco claro o seu traçado na área correspondente à sacristia. Na extremidade oposta, conserva parte do canto, aproveitado posteriormente como escadaria de acesso à torre sineira, cujos degraus revelam igualmente a presença de grandes blocos de granito.



Figura 20 e 21 – Troços da estrutura identificada no anexo sul

Para além dos silhares, foram identificados vestígios de friso, igualmente em granito, sendo necessário determinar se se encontram *in situ* ou se se trata de uma reutilização.

Como não foi possível verificar os topos das paredes aquando da substituição da cobertura, não houve oportunidade de determinar se existiam mais troços de parede em granito conservados noutras zonas da capela.

Mesmo assim, foi possível registar outros indícios da integração de elementos construtivos de período romano um pouco por todo o edifício da capela.

No alçado tardoz persistem evidências de um cunhal em granito, sugerindo a existência de um outro troço de parede em silhares conservada no alçado norte e encoberta pelos anexos existentes nesta zona.



Figura 22 – Vestígios de estrutura em granito preservada no alçado tardoz

Na fachada principal, conservam-se também evidências de blocos de granito, salientes da parede e que se encontram alinhados com a estrutura que se desenvolve a partir do cunhal conservado na fachada posterior.



Figura 23 – Elementos evidentes na fachada principal

Na sacristia, localizada à direita da capela-mor, verifica-se a ocorrência de indícios de estruturas mais antigas, cuja origem e características importam registrar. Nos anexos a situação é idêntica, com a existência de indícios que poderão estar associados a estruturas mais antigas.

### ***Pintura mural***

O acompanhamento arqueológico da empreitada permitiu igualmente a descoberta de um importante conjunto de pintura mural a fresco – no interior da capela, cujas evidências se concentram nas paredes Norte e Sul.

Considerando que já haviam sido efectuados trabalhos de aplicação de rebocos e de colocação de tirantes no interior da capela sem uma intervenção prévia de sondagens parietais, seria fundamental, nesta fase final da obra e antes da pintura integral do edifício, evitar mais dados sobre as pinturas e assegurar o registo adequado destes vestígios, determinando a extensão da zona pintada, o estado de conservação, o valor patrimonial e a respectiva integração cronológica.

Nas zonas onde existiam evidências de pintura mural procedeu-se à limpeza e remoção da tinta/cal destacada, de forma a efectuar o seu zonamento através da abertura de sondagens parietais.



Figura 24 – Trabalhos de limpeza

Igualmente importante era perceber a extensão da área pintada, pelo que se optou pela abertura de janelas, com uma dimensão de 20 X 20 cm. Foram definidas quatro sondagens e vinte e oito janelas distribuídas pela capela, mas com particular incidência no alçado Norte, onde o estado de conservação da parede aumentava a probabilidade de existirem vestígios de pintura conservados.

As janelas forma abertas em dois níveis, o superior, entre 250 e 300 cm de altura, onde as evidências de pintura eram claras, a avaliar pelas sondagens já definidas, e o inferior, entre 100 e 150 cm de altura, onde a informação era apenas residual.



Figura 25 – Algumas das janelas abertas no alçado Norte

Foram abertas treze janelas no alçado Norte e cinco janelas no alçado Sul. O altar-mor foi também objecto de análise, com a abertura de seis janelas, assim como nos arcos centrais, onde foram abertas três zonas.

A pintura encontra-se, de um modo geral, em estado de conservação regular verificando-se, no entanto, algumas situações que apresentam claros sinais de degradação, resultante, sobretudo, da deterioração do próprio suporte e da realização de intervenções inadequadas.



Figura 26 – Sondagem 1 no final dos trabalhos

Numa leitura preliminar das áreas abertas, foi possível identificar, na sondagem 1, dois painéis, um com uma representação da Anunciação, e outro com uma imagem de São Pedro entronizado; na sondagem 2, uma representação de Santo António; e na sondagem 4, resultante do alargamento das janelas 7 e 8, a representação, ainda pouco clara, de uma figura aparentemente sentada e um conjunto de imagens possivelmente em veneração.

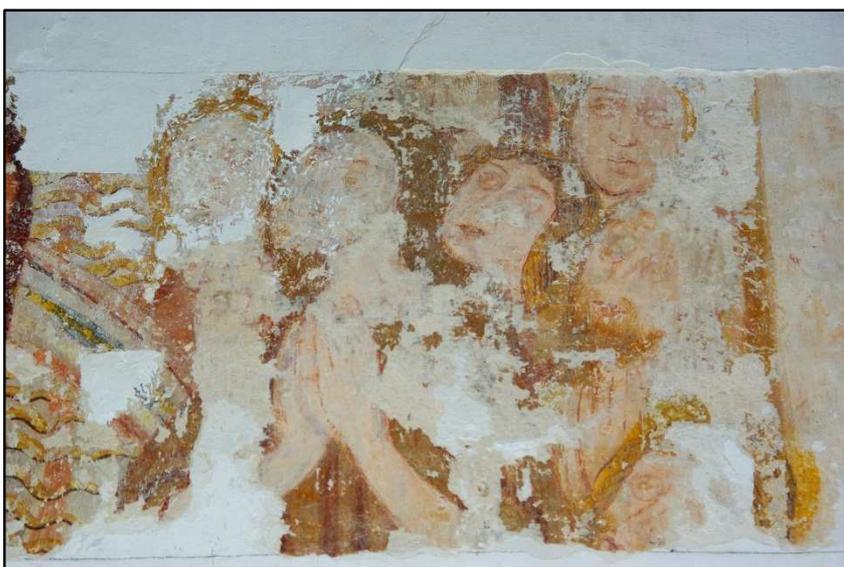


Figura 27 – Pormenor de representação na Sondagem 4

Na sondagem 3 os vestígios postos a descoberto são dispersos, devido ao mau estado do suporte, e, por isso, de difícil interpretação neste momento.



Figura 28 – Aspecto geral da Sondagem 3 e parte das janelas abertas no alçado Sul

Entre as sondagens 1 e 2 foi registada uma outra representação, cuja definição foi impossibilitada, nesta fase, pela degradação do suporte.

Nas janelas de diagnóstico são evidentes os motivos decorativos e indícios de outras representações figurativas que ainda não são perceptíveis, dado a dimensão reduzida das áreas abertas.



Figura 29 – Pormenor da janela aberta na arcaria

No decurso dos trabalhos foram identificadas, em algumas zonas e em particular na sondagem 2, sobreposição de pintura ou possivelmente repinte, evidentes no fundo, nas molduras, e na inscrição que figuram neste painel.



Figura 30 – Sondagem 2 no final dos trabalhos

Nas sondagens 1 e 3 são visíveis marcas do trabalho preparatório, tendo sido identificado, em algumas zonas pintadas, traços da execução do trabalho.



Figura 31 – Pormenor da Sondagem 3

As evidências registadas nas sondagens 1 e 3 confirmam que a zona pintada se prolonga por detrás dos altares laterais, o que já havia sido sugerido pelas referências documentais: “(...)Tem dous alteres no cruzeiro, ho da banda do Enuangelho he da inucacão de Santiago, e o da Epistola de Santa Anna, ambos pintados a fresco. As paredes da igreja sam todas pintadas de ymages (...)” (Lopes, 1950, p. 247).



Figura 32 – Aspecto geral da capela no final dos trabalhos

Não foram identificados vestígios de picagem das pinturas, mas a quase totalidade da área posta a descoberto evidencia uma camada de nivelamento, possivelmente de argamassa, muito compacta, aplicada directamente sobre os motivos e que estará relacionada com as campanhas posteriores, documentadas para o século XVII e final do século XVIII (IPA.00004563).

O núcleo de pinturas registado apresenta uma paleta de cores variada, integrando vermelho, amarelo, rosa, castanho, preto, cinzento e bege. Registou-se ainda, embora com menor frequência, a aplicação de verde, possivelmente associado a campanhas mais recentes, registado no limite da sondagem 2, na moldura adossada ao painel de Santo António, e no elemento decorativo, do altar-mor, representando um possível ramo de oliveira.



Figura 33 – Pormenor de representação vegetalista identificada junto ao altar-mor

Nas áreas não pintadas verifica-se a aplicação de revestimentos claros, predominantemente bege, que, de acordo com as zonas de diagnóstico, são contemporâneos do núcleo de pinturas.

As janelas de diagnóstico permitiram igualmente identificar outras situações decorativas no interior da capela, de cronologia posterior

Foram registadas argamassas decorativas, com a utilização da técnica de esgrafito, no exterior em duas placas (Salema e Aguiar, 2009, p. 14) colocadas na fachada principal, datadas de final do século XVII, e no interior do edifício, evidente na abóbada do altar lateral (Evangelho), com uma composição geométrica definida por rosetas hexafólias, e no arranque dos arcos que definem as naves, com a aplicação de massas claras em relevo sobre o revestimento, imitando a estereotomia do aparelho regular em pedra.



Figura 34 – Aplicação da técnica de esgrafito

Verifica-se ainda a aplicação de marmoreados nos altares laterais, no arco triunfal e no altar-mor, e cuja degradação deixa antever elementos decorativos anteriores, possivelmente associados à campanha decorativa realizada no final do século XVIII e repintados em fases posteriores.

### **Notas finais**

A intervenção realizada permitiu identificar um conjunto de testemunhos que confirmam a antiguidade de ocupação do local, já sugerida nas fontes, e acrescentar dados fundamentais para o estudo da Capela de Nossa Senhora de Entre Águas.

No decurso dos trabalhos foi possível confirmar que a presença de materiais construtivos de período romano na capela corresponde ao aproveitamento de estruturas desse período, permanecendo por esclarecer se este aproveitamento é pontual ou se estende a todo o edifício, confirmando que “*egreja era toda de cantaria (...)*” (Lopes, 1950, p. 247).

A manutenção de paredes, ou de um edifício, de período romano reforça a ideia de sobreposição do edifício de culto cristão ao sítio mais antigo que poderia incluir, pela presença da lápide, um mausoléu. Esta

sobreposição deixa antever a relevância simbólica do local que se perpetuou ao longo do tempo na paisagem e junto das comunidades.

Esta ligação ao local é também reforçada pelo espaço funerário, cujos testemunhos foram registados no exterior do edifício. Porém, os dados reunidos são, neste momento, insuficientes para a caracterização da necrópole. A sua utilização poderá ser contemporânea da construção da capela, e possivelmente prolonga-se durante o período em que desempenhou as funções de igreja paroquial.

O valor patrimonial da capela é reafirmado e reforçado com a descoberta de um extenso núcleo de pinturas tardo-medievais.

Trata-se de um conjunto de valor excepcional devido ao estado de conservação, à extensão da área pintada, ao contexto cronológico, à qualidade da execução e ao enquadramento histórico-artístico.

Com base na avaliação preliminar realizada no âmbito dos trabalhos arqueológicos foi possível definir um plano de intervenção que prevê o alargamento das áreas de sondagens e o tratamento das pinturas, promovendo igualmente o seu estudo e integração no edifício.

Reconhecendo a importância das ocorrências registadas do decurso do acompanhamento da obra, importa agora implementar um plano de intervenção que dê continuidade ao estudo, conservação e valorização destas realidades, e assegurar que, intervenções futuras de manutenção ou requalificação da capela e respectiva envolvente, estejam sujeitas a uma avaliação arqueológica prévia.

A estratégia delineada para esta fase subsequente pressupõe a continuação dos trabalhos arqueológicos e o desenvolvimento de uma intervenção de conservação e restauro das pinturas.

Ao nível do edifício pretende-se avaliar a extensão conservada de estruturas de período romano integradas na capela, através da abertura de sondagens parietais, em particular nos anexos norte,

sacristia e alçado tardoz, e realizar o levantamento exaustivo desses elementos com vista à recuperação gráfica da planta.

A intervenção arqueológica contempla ainda a realização de sondagens, a iniciar na ruína localizada no alçado tardoz da capela e que, posteriormente, se poderão estender a outras zonas do edifício e envolvente.

Com a identificação de pinturas murais no interior da capela impõe-se uma avaliação detalhada do seu estado de conservação e a aplicação de medidas que assegurem a sua preservação.



Figura 35 – Aspecto geral do interior da capela

Será, por isso, necessário o desenvolvimento de uma intervenção de conservação e restauro, a qual poderá também contemplar, dado o carácter extraordinário da descoberta, o alargamento das áreas abertas para uma melhor caracterização do conjunto e, assim, reunir novos elementos que permitam compreender a relação entre as pinturas e o edifício e o contexto em que a obra foi realizada.

A descoberta deste núcleo de pinturas tardo-medievais captará novas abordagens e leituras<sup>2</sup> que contribuirão, a par dos testemunhos

---

<sup>2</sup> A este propósito: MONTEIRO, Patrícia (no prelo) – “As pinturas tardo-medievais da Ermida de Nossa Senhora de Entre Águas, em Benavila”. *Callipole*, Revista de Cultura de Vila Viçosa, Câmara Municipal de Vila Viçosa, n.º 26; *idem* (no prelo) – “Evocaciones de la justicia terrena y divina en la pintura mural del Alentejo, entre el final de la Edad Media y el período moderno”. *Juicio y*

arqueológicos, para o estudo e valorização da Capela de Nossa Senhora de Entre Águas.

Março de 2019

## **Bibliografia**

AFONSO, Luís Urbano (2010) – A pintura mural portuguesa entre 1400 e 1550. *Primitivos Portugueses. 1450-1550. O SÉCULO DE Nuno Gonçalves*, Lisboa, MNAA, p. 82-93.

ANTT (1758) - *Memórias Paroquiais. 1758*. Tomo 7, n.º 2, p. 723-728.

CARDOSO, Luís (1751) – *Diccionario geográfico*. Lisboa, Regia Officina Sylvana e da Academia Real, Tomo II.

COSTA, António Carvalho da (1708) – *Corografia portugueza e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal*. Lisboa, Valentim Deslandes, volume 2.

LEAL, Pinho; FERREIRA, Pedro Augusto (1873) – *Portugal antigo e moderno: diccionario geographico, estatistico, chorographico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias*. Lisboa, Mattos Moreira & companhia, Volume 1.

LOPES, Jorge (1950) – *Direitos, bens e propriedades da Ordem de Avis nas suas três vilas de Avis, Benavila e Benavente e seus Termos. Tombo feito pelo licenciado Jorge Lopes*. Lisboa, Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, prefácio de José Mendes da Cunha SARAIVA.

MONTEIRO, Patrícia (2013) - *A pintura mural no Norte Alentejo (séculos XVI a XVIII): núcleos temáticos da Serra de S. Mamede*. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2 volumes policopiados.

PEREIRA, João Manuel Esteves Pereira; RODRIGUES, Guilherme (1904) – *Portugal: diccionario historico, chorographico, heraldico,*

---

*Justicia. Arte sacro y profano medieval y moderno*, Barcelona, V Simposio Internacional del Grupo EMAC, Departamento de Historia del Arte, Universitat de Barcelona, 8-11 Maio 2019.

*biographico, bibliographico, numismatico e artístico*. Lisboa, J. Romano Torres, Volume II.

RIBEIRO, Ana (2008) - Uma primeira leitura da Carta Arqueológica de Avis. *Al-madan* adenda electrónica, n.º 16, p. 1-12.

*Idem* (2015) – O povoamento rural romano no concelho de Avis: uma primeira abordagem interpretativa dos dados reunidos no decurso da Carta Arqueológica. *Alberterium*, Revista online de Arqueologia e História do Município de Alter do Chão. Volume II, p. 8-25.

RODRIGUES, Jorge (1993) – *Guia Artístico de Avis*. Câmara Municipal de Avis, Avis.

SALEMA, Sofia; AGUIAR, José (2009) – Cor e esgrafito no Alentejo. *Conservar Património*, Revista da Associação Profissional de Conservadores-Restauradores de Portugal, n.º 9, p. 13-25.

SANTA MARIA, Fr. Agostinho (1718) - *Santuário Mariano e História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente aparecidas (...)*. Lisboa, Antonio Pedrozo Galram, Tomo 6.

TELES, Noel (1940) – *Cartas do Êrmo*. Lisboa, Portugália.

VASCONCELOS, José Leite de (1895) – Notícias várias. *O Arqueólogo Português*. Lisboa, volume I, p. 222-224.

*Idem* (1917) – Coisas velhas. *O Arqueólogo Português*. Lisboa, volume XXII, p. 107-169.

Ficha de sítio disponível em:

[http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=4563](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4563) (IPA.00004563)